

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A PRÁXIS PEDAGÓGICA: SABERES DISCENTES E A CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DA AUTONOMIA DOS/AS ESTUDANTES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Kelly Silveira Garcia ¹
Samires Bento Pimentel ²
Samara Moura Barreto ³
Luiz Sanches Neto ⁴
Luciana Venâncio ⁵

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como a integração entre os saberes e as práticas corporais, nas aulas de educação física, podem contribuir para a formação da autonomia de discentes do 9º ano do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública da região metropolitana de Fortaleza-CE. O estudo baseia-se na crítica ao modelo tradicional de ensino, centrado no/a professor/a e na transmissão de conteúdos. Na educação física, as práticas pedagógicas restritas à execução de movimentos apresentam fragilidades significativas, especialmente pela ausência de diálogos entre os saberes e a prática, o que compromete a formação crítica e a autonomia. Em contraposição a este, defendem-se práticas pedagógicas que valorizem os saberes prévios dos/as estudantes e seus contextos socioculturais, promovendo um aprendizado mais significativo. Neste sentido, como superar a fragmentação entre conhecimentos conceituais, saberes discentes e práticas corporais, para favorecer a integração desses conhecimentos e fomentar a formação crítica e a autonomia? A investigação adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória-descritiva, foi desenvolvida por meio de estudo de campo, utilizando questionário e observação como instrumentos de coleta de dados. Os resultados evidenciam que a participação ativa dos/as estudantes contribui para o engajamento, o protagonismo e corresponsabilidade, tomada de decisão e pensamento crítico, elementos fundamentais na formação da autonomia. A relevância deste estudo está na necessidade de aprofundar a reflexão sobre práxis pedagógica, propondo novas perspectivas para a participação ativa e engajada dos/as estudantes na construção do conhecimento. Conclui-se que a educação física apresenta-se como espaço estratégico para o desenvolvimento da autonomia estudantil, ao integrar saberes e práticas corporais.

Palavras-chave: Participação e engajamento, Elaboração do conhecimento, Dialogicidade.

¹ Mestranda ProEF polo Universidade Federal Ceará - UFC. kellygarcia1203@gmail.com;

² Mestranda ProEF polo Universidade Federal Ceará - UFC. samiresbento@outlook.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. samara.abreu@ifce.edu.br;

⁴ Dr. em Pedagogia da Motricidade Humana, Universidade Estadual Paulista - UNESP. luizsanchesneto@ufc.br;

⁵ Professor orientador: Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. luvenancio@ufc.br.



INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa foi motivada pelo relato de experiência de um aluno ao expressar sua felicidade, satisfação e reconhecimento ao vivenciar novas experiências significativas e enriquecedoras proporcionadas pelas práticas das aulas de educação física escolar.

A educação física escolar desempenha um papel fundamental na formação integral do/da estudante, pois ela contribui não apenas com o desenvolvimento físico e motor, mas também com o cognitivo, afetivo, social e com a formação da autonomia do sujeito, através de experiências diversificadas que exigem evolução de habilidades e superação de desafios, tomadas de decisões e vivências construtivas.

Historicamente, o ensino educacional foi marcado pela predominância de um modelo tradicional, caracterizado pela centralidade do/a professor/a no processo de ensinar e aprender. Nesse modelo, ao/à estudante, cabia unicamente o papel de receptor/a passivo/a de “receber” conhecimentos, sem que sua realidade social, cultural e singular-particular fossem consideradas. Tal perspectiva, Paulo Freire (1996) denominou de “educação bancária”, e fundamenta-se na ideia de que ensinar consiste em depositar conteúdos prontos nos/as alunos/as, negando-lhes o direito de refletir e de participar de forma ativa na ressignificação e reconstrução do conhecimento científico.

No senso comum, as práticas pedagógicas na educação física que se reduzem à mera execução de movimentos, limitando-se a uma dimensão prática dissociada do conhecimento intelectual, apresentam fragilidades significativas, na criticidade, na compreensão histórica do contexto das manifestações e na capacidade de atuação politicamente na sociedade, fatores contratuais para formação da autonomia.

Na situação que não ocorre a interação efetiva entre a vivência corporal, os saberes discentes e os conhecimentos conceituais, compromete a formação integral dos/as estudantes, pois não vai haver um aprendizado crítico significativo. A prática pedagógica precisa integrar esses elementos que compõem o processo formativo, para que os/as alunos/as possam elaborar





os conhecimentos necessários para compreender o processo e consolidar a própria aprendizagem em para viver e enfrentar o mundo.

Ao negligenciar o diálogo entre os saberes e as práticas, as vivências deixam de contribuir para a construção de aprendizagem relevante e representativa, resultando em conhecimentos fragmentados e em saberes dissociados do contexto vivido pelos/as educandos/as.

Em oposição a essa concepção, torna-se essencial superar práticas pedagógicas que reproduzem a centralidade docente, que inviabilizam a dialogicidade e que negam a participação ativa dos/as estudantes no processo de formação, pois tais práticas desvalorizam os interesses, os saberes e experiências dos/as educandos/as, além de desconsiderar os corpos-sujeitos e os contextos socioculturais em que são inseridos.

Essa lógica da centralidade compromete a práxis pedagógica, ao reduzir o processo educativo a uma mera transmissão de conteúdos desconectados da vivência estudantil. Reconhecer e superar essa abordagem unificada implica repensar a práxis pedagógica, adotando uma postura de reconhecimento, valorização e diálogo, em que o conhecimento seja construído de forma coletiva, a partir dos interesses e experiências dos/as estudantes.

Alinhada a esse pensamento, Franco (2012, p. 122) coloca que “às práticas escolares não são aquelas inscritas nos projetos políticos-pedagógicos, mas as decorrentes das ações vivenciadas a cada dia”. Ao considerar os saberes dos/as estudantes pertencentes ao conhecimento construído em seu contexto social, familiar e cultural, o processo de aprendizagem passa a fazer mais sentido, pois possibilita um aprendizado mais significativo, contextualizado e participativo. Ao reconhecer esses saberes, os/as estudantes passam a compreender-se como sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem, o que contribui para formação da autonomia e o fortalecimento de sua identidade, o que irá contribuir junto à sociedade e comprometido/a com uma atuação consciente orientado a uma reflexão crítica.

Freire (1996, p. 47), também colabora ao dizer que, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou para a sua construção”. Nesta mesma perspectiva, Franco (2012), reforça que a prática pedagógica precisa ser fundamentada para uma construção de novos sentidos aos/as estudantes, de





maneira que possa aproveitar e frutificar os saberes já construídos, dialogando com os novos saberes. Com isso, entendemos que o conhecimento precisa ser reconstruído, de forma a aprofundar os saberes existentes e construir novos saberes de forma consciente.

Um dos principais desafios da educação física escolar é a fragmentação entre saberes discentes e práticas corporais. Em muitas realidades pedagógicas, observa-se que os conhecimentos conceituais são transmitidos de formas isoladas, sem conexão com as vivências corporais ou com os saberes que os estudantes trazem de suas experiências socioculturais. Essa dissociação resulta em aulas centradas ora na prática mecânica, ora na teoria descontextualizada, o que rompe com a possibilidade de integração entre o saber sobre, o saber fazer e o saber ser e conviver nas relações com os saberes (Venâncio, 2019).

Desta forma, o meu estudo tem como situação problema o seguinte questionamento: Como superar a fragmentação entre conhecimentos conceituais, saberes discentes e práticas corporais, promover a integração desses conhecimentos e favorecer a formação crítica e a autonomia dos/as estudantes?

Diante o exposto, objetivo geral deste estudo é analisar como a integração entre os saberes conceituais, saberes discentes e as práticas corporais, no âmbito da disciplina de educação física escolar, pode contribuir para a formação da autonomia dos/as estudantes do ensino fundamental II. Para alcançar tal finalidade, busco investigar estratégias pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos/as estudantes, bem como identificar de que forma os saberes, conceituais e discentes, articulados às práticas corporais, são incorporados no processo de ensino-aprendizagem.

A relevância deste estudo encontra-se na necessidade de aprofundar a reflexão sobre práxis pedagógica, visando a uma nova perspectiva sobre a participação ativa dos/as estudantes na construção do conhecimento e no processo de formação da autonomia. Deste modo, a educação física apresenta-se como espaço estratégico para o desenvolvimento da autonomia estudantil, ao consolidar a integração entre os saberes e a prática corporal.



Educação Física Escolar como Espaço Dialógico

A Educação Física é uma área do conhecimento que vem passando por transformações ao longo da história, marcado por diferentes fases e concepções (Sanches Neto e Betti, 2008). No Brasil, a Educação Física foi fortemente influenciada pelos métodos ginásticos europeus, com visão higienista e militarista objetivando formar corpos saudáveis e aptos para o mundo do trabalho, desenvolver e fortalecer a forma física e a moral nos indivíduos. Essa era a função da Educação Física no sistema educacional (Soares et al., 1992).

O método desportivo generalizado foi a proposta pedagógica voltada para o ensino do esporte, que resultou na ampliação de sua prática, transformando-o em um fenômeno cultural. Darido (2005) menciona que o objetivo do método era iniciar os/as alunos/as nos diferentes esportes, especializando através do desenvolvimento e aperfeiçoamento de atitudes e gestos técnicos.

Com isso, a Educação Física passou a ser entendida como sinônimo de esporte. Nas escolas, as práticas passaram a ser direcionadas ao movimento esportivo, o que Valter Bracht (1992) denomina como “esporte na escola”, e não “esporte da escola”, ou seja, a educação física passou a ser subordinada aos códigos da instituição esportiva.

Da mesma maneira que a proposta anterior, esse outro modelo também valorizava a execução do movimento e o desempenho físico, mas dessa vez com a finalidade da prática esportiva, com movimentos que predominavam em gestos técnicos das modalidades esportivas específicas.

Com a ascensão do esporte, a educação física passou a ser caracterizada exclusivamente e por essa prática, onde o esporte tornou-se sinônimo de educação física, e que na maioria das vezes, essa prática era reduzida aos esportes tradicionais, futsal, vôlei, handebol e basquete, sem menção aos aspectos conceituais, históricos e culturais.

Portanto, observa-se que nos modelos mencionados não são apresentadas propostas referentes ao conhecimento conceitual e/ou considerações das vivências dos estudantes, mas uma aplicação centralizada de conteúdos motores sem contextualização e excludente, pois as aulas eram voltadas aos participantes com mais habilidades.





Os conhecimentos relacionados aos processos conceituais, culturais e de experiências dos/das estudantes não faziam parte da prática pedagógica, o que mostra um aspecto de descompromisso com o aprendizado, pois a integração entre os conhecimentos conceituais, os saberes discentes e as práticas corporais são extremamente importantes para o entendimento da construção de um conhecimento cultural e a formação da autonomia.

Darido (2005), apud Libâneo (1994), Coll et al. (2000) e Zabala (1998), descreve que os conteúdos de ensino são conjunto de conhecimento, habilidades hábitos e modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizado didático e pedagogicamente, de modo que os alunos/as consigam assimilar e colocar em ação os conteúdos aprendidos em sua prática cotidiana.

A educação física como componente curricular da educação básica, que antes era entendido como área de conhecimento prático, ligada exclusivamente ao movimento, o fazer por fazer, hoje, encontra-se numa linha de conhecimento referente à cultura corporal, com abordagens críticas, reflexivas e contextualizadas, que nos permite compreender o corpo e o movimento como práticas corporais de construções sociais, com suas diversas manifestações culturais (jogos e brincadeiras, dança, esporte, lutas, ginástica, práticas de aventura) e que oferece possibilidades para explorar e dialogar com os interesses e saberes discentes, criando um ambiente propício para que o/a aluno/a possa ser protagonista no processo de aquisição do conhecimentos e não apenas um receptor de informações passivas. Com isso, a BNCC destaca que

É fundamental frisar que a educação física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orientam as práticas pedagógicas na escola. (BRASIL, 2018, p. 123).

Nesse contexto, refletir sobre as novas abordagens de educação física escolar significa repensar a prática pedagógica. “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 23). Saberes estes, que compreendem conhecimentos conceituais, culturais, experiências e saberes pertencentes aos estudantes, que já possuem antes mesmo de qualquer intervenção pedagógica formal.

Rodrigues Júnior (2010), destaca que o/a sujeito carrega marcas, entendimentos e saberes construídos com base em diversas experiências vivenciadas em diferentes contextos sociais





s. Com relação aos saberes corporais, essa realidade não é diferente. Cada experiência vivida fisicamente contribui para a formação humana futura, pois são sentidos e expressões com significados. Rangel (2005), destaca que a autonomia é facilitada se o/a estudante vivenciar diferentes práticas da cultura corporal e se compreendem o seu papel na sociedade.

Em vista disto, as práticas inovadoras vem para contribuir na atuação do docente no processo de ensino aprendizagem, possibilitando compreender os conteúdos por diferentes aspectos e não somente nas habilidades motoras, mas também nos aspectos conceituais, sociais, afetivos e crítico, considerando o contexto do sujeito envolvido.

A educação física como componente curricular, possibilita o acolhimento, a inclusão e uma formação holística. Isso significa reconhecer o corpo como espaço de expressão e identidade, respeitando as diferenças e promovendo protagonismo dos/as alunos/as, perfazendo desta forma uma educação física dialógica.

No contexto da educação física, a autonomia pode ser considerada em vários sentidos, nas tomadas de decisões, no ato de agir com responsabilidade, na compreensão e aplicação das regras e no protagonismo de sua aprendizagem. Ao valorizar os saberes discentes, o diálogo, a escuta ativa e a participação no processo de ensino aprendizagem, a prática pedagógica ganha mais sentido e significado para o/a estudante, pois a atividade está sendo construída em uma ação conjunta consciente, tornando-se uma prática crítica, reflexiva e inclusiva.

Deste modo, as aulas de educação física escolar, deve ser um espaço de diálogo, escuta e construção coletiva, que considere os interesses e a realidade do sujeito que está sendo disponibilizado a esse conhecimento científico.

Ao considerar os saberes dos estudantes, pertencente ao conhecimento construído em seu contexto social, familiar e cultural, o processo de ensino aprendizagem passa a fazer mais sentido, pois possibilita uma aprendizagem mais significativa, contextualizada e participativa.

Para Neira (2009), a escola deve preconizar a importância da preparação dos alunos para que possam compreender a vida real e se posicionarem diante dela, de maneira crítica e autônoma. A escola deve oportunizar ao/a aluno/a a vivenciar e ter experiências, que sem a escol





a, eles/elas não teriam condições. Esse/a estudante, precisa estar em um ambiente/situação que ele/ela possa refletir e fazer uma leitura da situação, de modo a encontrar respostas e soluções para aquela situação.

Ao reconhecer e interagir com esses saberes o estudante passa a compreender-se como sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, o que contribui para formação da autonomia e o fortalecimento de sua identidade.

METODOLOGIA

A construção desse percurso metodológico apresenta os caminhos trilhados durante o desenvolvimento da pesquisa, na qual baseia-se em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, buscando analisar como a integração entre os saberes conceituais e as práticas corporais nas aulas de educação física podem contribuir na formação da autonomia dos/as estudantes dos anos finais ensino fundamental II em uma escola pública municipal, de Maracanaú-CE, na região metropolitana de Fortaleza. Participaram da pesquisa 23 estudantes do ensino fundamental anos finais, nas quais 10 são meninos e 13 meninas.

Os materiais e métodos utilizados no estudo contaram com uma análise qualitativa de um estudo de campo, sendo aplicado questionário e observação. O questionário estruturado contou com oito perguntas fechadas e duas perguntas abertas sobre, participação dos/as alunos/as nas aulas de educação física, conteúdos estudados e organização e planejamento das aulas de educação física.

Os procedimentos para a coleta de dados seguem as seguintes etapas: Aplicação do questionário; Registro e organização dos dados coletados. Os instrumentos de coleta: Questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas sobre; Participação dos/as alunos/as nas aulas de educação física; conteúdos estudados e organização das aulas de educação física; Os procedimentos para a análise de dados serão: análise temática dos dados gerados; Agrupamento por temas geradores.

RESUMO DAS DISCUSSÕES





O presente estudo, ao criticar o modelo tradicional de ensino centrado no/a professor/a e na transmissão de conteúdos de práticas pedagógicas restritas à execução de movimentos, buscou analisar como a integração entre os saberes e as práticas corporais, podem contribuir para a formação da autonomia de estudantes do ensino fundamental anos finais nas aulas de educação física.

De acordo com os dados obtidos nas questões fechadas, nota-se a participação dos/as discentes tanto nas aulas quanto na elaboração das atividades nas aulas de educação física, de modo significativo e representativo. Sentem-se à vontade para participar e colaborar com as atividades. Quanto aos conteúdos, o resultado mostra a diversidade temática abordada nas aulas, o que contribui para ampliar os conhecimentos e saberes corporais, de forma contextualizada e considerando os saberes discentes, não limitando-se a uma monocultura esportiva. O processo de construção do conhecimento, a escolha do conteúdo e tema são escolhidos em conjunto, professora e alunos, onde acontece um diálogo e uma troca de informações dos saberes já existentes e os que serão produzidos.

As questões abertas apresentam uma variedade de respostas, mas demonstram que os participantes se sentem mais autônomos quando compreendem as atividades sugeridas e tem uma liberdade na execução das propostas estabelecidas, ao poderem expor suas colocações.

Referente às participações na colaboração com o planejamento de aulas e atividades, observa-se que aqueles/as alunos/as com mais aproximação com a professora se sentem mais espontâneos para colaborar com a construção das aulas. No entanto, quando lançada a proposta todos contribuem de forma democrática, onde são apresentados os temas e feito uma votação para a escolha da temática a ser estudada, oportunidade de escuta e argumentação.

Também pode notar-se, que durante as atividades alguns estudantes têm mais habilidade na realização da tarefa e esses ajudam os/as colegas que apresentam dificuldade a realizarem a atividade proposta, sem a necessidade de a professora solicitar a colaboração, de modo a compartilhar os conhecimentos já adquiridos com os colegas e auxiliá-los, respeitando as diferenças e limitações, o que demonstra proatividade e autonomia.





No planejamento das atividades eles se disponibilizam a organizar os materiais, a pensar em estratégia quando o espaço ou alguma coisa inviabiliza a realização das atividades, sugerindo atividades adaptadas, apresenta comprometimento com a aula e o aprendizado.

Este estudo demonstrou que, quando as aulas de educação física acontecem de forma participativa e integrada entre os momentos teóricos, participação ativa e atividades práticas, as aulas apresentam mais fluidez, de modo significativo e representativo para os/as escolares, pois eles/elas passam a se sentir mais valorizados e importantes no processo de construção do conhecimento, e quando o planejamento coletivo e as atividades propostas estão de acordo com os interesses e decisões dos envolvidos, torna-se um momento de oportunidade de atuação e criticidade, elementos contribuintes para a formação da autonomia dos/as estudantes.

Quanto à participação ativa e colaboração no processo de construção desses saberes e pensamento crítico, todos procuram contribuir ao interagir e sugerir a temática de estudo, as possibilidades de aplicações, as dificuldades e sugestões, bem como a conscientização de realização na prática. Assim, os/as alunos/as se sentem muito mais seguros e confiantes ao colaborar e participar de forma ativa com o processo de ensino-aprendizagem.

Os achados do estudo dialogam com Freire (1996), quando descreve que a práxis pedagógica é a ação-reflexão do processo de ensino aprendizagem, um ato dialógico. E continua, ao acrescentar que ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias e inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Freire propõe uma educação dialógica, crítica e libertadora, na qual somos todos detentores de conhecimento.

RESULTADO DA PESQUISA

Os resultados evidenciam que a participação ativa dos/as estudantes contribui para o protagonismo e corresponsabilidade, tomada de decisão e pensamento crítico, elementos fundamentais na construção da autonomia.

Deste modo, os/as discentes passam a ter mais consciência de como as práticas corporais foram sendo construídas, como elas influenciam em nossas vidas e buscar uma reflexão acerca do que está sendo estudado e como esse conteúdo irá contribuir em sua vida, a relação com o saber Charlot (2000), para que possa assumir uma responsabilidade consciente.





Portanto, a construção da autonomia está na presença de atuação e responsabilidade consciente do/a estudantes na relação com o saber e sua forma de atuação por meio das vivências das manifestações culturais dando sentido e significado, considerando o contexto em que pertence.

SÍNTESE CONCLUSIVA

A educação física apresenta-se como espaço estratégico para o desenvolvimento da autonomia estudantil, ao integrar saberes e práticas corporais e dando oportunidade ao estudante de atuar junto à elaboração do conhecimento, de modo a ampliar suas experiências e possibilitar a formação da autonomia.

Deste modo, conclui-se que a aula de educação física elaborada em conjunto com o público que se destina, no processo de ensino aprendizagem, torna-se muito mais significativa e representativa, pois demonstra uma prática pedagógica dialógica, participativa e contextualizada, que valoriza os saberes discentes e contribui para a formação da autonomia e do pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. Da Relação com o Saber. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia e prática docente. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

BRACHT, Valter. Aprendizagem social e Educação Física. Porto Alegre: Magister, 1992.





RODRIGUES JUNIOR, José Carlos. “A aula de educação física: espaço para encontro e confronto de diferentes saberes sobre a cultura corporal”. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). educação física escolar: olhares a partir da cultura. Campinas - SP: Autores Associados, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição de Andrade (Org.). educação física na Escola: implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

SANCHES NETO, L.; BETTI, M. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5ª à 8ª série do ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 5-23, jan./mar. 2008.

VENÂNCIO, Luciana. A relação com o saber e o tempo pedagogicamente necessário: narrativas de experiência com a educação física escolar. Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão, v. 5, n. 14, p. 89–102, 2020. DOI: 10.32748/revec.v5i14.13268. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13268>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RANGEL, Irene Conceição Andrade. et al. Os objetivos da Educação Física. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, I. C; Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

